POR CAUSA DA ESPERANÇA

Uma relação entre o jubileu e a apocalíptica

Mercedes Lopes

Relacionar ano jubilar e apocalíptica significa recolher a dolorosa e angustiante expectativa do povo por uma intervenção imediata de Deus na história. É escutar um grito, um clamor de que chegue logo o dia da vingança, do julgamento do mundo, da instauração da justiça. Grito que sai da garganta rouca de milhões de pessoas que são violentamente excluídas do direito de viver com dignidade. É clamor por terra, trabalho, moradia, saúde, educação... É reler este permanente desejo de acerto de contas. É captar esta teimosa esperança de um tempo novo de paz, quando será devolvida aos pobres a dignidade que lhes foi roubada.

A proclamação do ano jubilar e a expectativa do Dia de Javé aparecem unidas e relacionadas sobretudo no Terceiro Isaías, que anuncia em linguagem poética e visionária o reino escatológico de Deus.

> *"O Espírito do Senhor Javé está sobre mim... enviou-me a proclamar um ano aceitável a Javé e um dia de vingança do nosso Deus"* (Is 61,1-2).

Ano jubilar ou ano aceitável a Javé significa a entrada de Deus dentro do tempo real, através de leis que garantem a vida dos pobres (Lv 25; 27,18.23-24). Dia de Javé ou dia da vingança de Deus é o momento do terrível julgamento contra aqueles que rompem com o Projeto de vida para todos (Sf 1,14-18). Ano jubilar e Dia de Javé significam a esperança de que a força libertadora de Deus invada a história humana, transformando-a radicalmente. Quando a situação de injustiça é grande demais já não se pode separar o permanente sonho de justiça do desejo de verem transformados em cinza os grandiosos e excludentes projetos dos poderosos.

Este anseio de libertação aparece na própria legislação do ano jubilar (Lv 25,42-55), cuja base é a experiência libertadora do Êxodo. Javé é o único Senhor do povo (Ex 19,3-8). Reconhecer e confessar que Javé, o Deus do Êxodo (Ex 3,7), é o soberano de Israel, o dono da terra (Lv 25,23), "inclui o compromisso com os pobres e a libertação de quem se acha preso em um contínuo ciclo de dívidas. A soberania de Deus se apresenta como um fato que influi na vida diária do povo e que estrutura as relações entre eles mesmos e com o resto da criação" [1].

1. Sharon RINGE. *Jesús, la liberación y el jubileo bíblico. Imágenes para la ética y la cristología*, San José, Costa Rica: Ed. DEI, 1996, p. 53

Acreditar num Deus que escuta o clamor dos pobres é o que caracteriza e identifica o povo bíblico. É esta teimosa fé num Deus libertador que leva os profetas a denunciar as injustiças e a anunciar o Dia de Javé, durante o período da monarquia.

1. Dia de Javé

O profeta Amós já havia usado a expressão "dia de Javé" para indicar a manifestação da ira de Deus contra os reis israelitas que oprimiam e exploravam seus próprios irmãos (Am 5,18-20; 8,9-10). Os profetas posteriores retomam esta ameaça do "dia de Javé" e a comunicam com a descrição de catástrofes cósmicas (Sf 1,15; Is 13,10.13; Ez 32,7.8; Hab 3,6). Por trás dessas imagens está a tradição do Êxodo. "Dia de Javé é a noite de Páscoa: as pragas são avisos ao tirano para que abandone sua política escravizadora e mercantilista; as últimas (gafanhotos, tempestade, escuridão) são precursoras do Dia de Javé nos profetas. A passagem do Mar Vermelho realiza o juízo definitivo que acaba com o antideus e liberta os oprimidos".[2]

É esta experiência do Êxodo que leva os profetas a continuar acreditando que Javé está do lado dos excluídos, apesar das circunstâncias internas e externas que mantêm a opressão. Continuar acreditando que Javé é o Deus dos pobres é resistir à pior de todas as dominações, que é a dominação das consciências.

> *"Com efeito, decidi-me por um dia de vingança: chegou o ano da minha retribuição"* (Is 63,4).
>
> *"Porque assim diz Javé dos Exércitos... a propósito das nações que vos despojam: Quem vos toca, toca a pupila de meu olho"* (Zc 3,12).
>
> *"Com efeito, Javé tem um dia de vingança, um ano de retribuição em prol da causa de Sião"* (Is 34,8).

Esta intervenção justiceira de Deus na história do povo tem uma dupla finalidade. Ao mesmo tempo que traz a libertação para o povo oprimido, faz desaparecer aqueles que dominam e exploram os pobres (Is 34,2-4).

Dia de Javé é a expressão que os profetas encontraram para comunicar sua esperança na justiça de Deus. Seu conteúdo é a intervenção imediata de Javé para transformar a situação desumanizante do seu povo, libertando-o daqueles que o dominam. Esta expectativa do Dia de Javé vai desembocar no movimento apocalíptico.

2. Nasce a apocalíptica

A situação do povo bíblico depois do cativeiro da Babilônia se torna cada vez mais difícil. A dominação dos impérios grego e romano chegou ao cúmulo de atingir

2. Juan GUILLÉN TORRALBA. "El Año de Gracia del Señor", in *Reseña Bíblica*, Nº 4 , Invierno 1994, Estella (Navarra): Ed. Verbo Divino, p. 6.

as raízes religiosas do povo judeu. Já não era somente a exploração econômica, política e social. Era a imposição cultural e religiosa (Dn 11,31). O povo vivia desorientado, perdido num imenso império. Como entender esta humilhação, se ela contradizia totalmente as promessas de Deus no Antigo Testamento?

O povo judeu busca, então, formas de manter viva a sua fé e a sua esperança. Surge o movimento apocalíptico com sua linguagem simbólica de resistência. Contém uma ansiosa expectativa pelo fim deste mundo caótico. Fala de uma intervenção imediata de Deus na história, transformando radicalmente as relações entre as pessoas e com a natureza. Se misturam nesta expectativa sentimentos pessimistas gerados pela angústia, o medo e a impotência com uma teimosa esperança que tem sua raiz na fé. O que dá resistência ao povo é a certeza de que Deus continua do seu lado e não do lado dos poderosos. É por causa da esperança que eles conseguem resistir.

> *"Turbas e turbas, no vale da decisão! Sim, está próximo o dia de Javé, no vale da decisão! O sol e a lua se obscurecem e as estrelas perdem o seu brilho"* (Jl 4,14-15).

No vale da decisão, Javé pedirá contas do sangue inocente derramado impunemente pelos poderosos, pelos grandes do mundo. As nações inimigas de Judá, que dispersaram o povo e não deixaram que levantasse a cabeça, serão abatidas (Zc 2,1-4).

Os apocalípticos ampliam a expectativa do "Dia de Javé". Sua finalidade será a implantação da justiça, dia do julgamento de Javé contra aqueles que oprimem os pobres. Mas já não se dirigem aos reis infiéis de Israel e sim contra os impérios que dominam e exploram o povo de Deus. A intervenção de Deus se manifestará através de catástrofes cósmicas (Dn 7,11; 2Bar 20,8; 4Esd 5,4-6; ApAbr 30).

Esta intervenção transformadora e imediata de Deus na história é algo que está escondido e deve ser revelado. Daí a palavra apocalipse, que significa revelação.

O movimento apocalíptico cresce e uma vasta literatura o demonstra. Encontramos apocalipses tanto na Bíblia (Dn 7–12 e Apocalipse de João) como na literatura judia não canônica (no ciclo de Henoc, no Apocalipse de Baruc, nos apocalipses de Esdras, de Abraão, de Elias, de Adão, no livro dos Jubileus, etc.[3]). O gênero apocalipse está espalhado por todo o Novo Testamento. O Evangelho de Marcos, por exemplo, tem uma linguagem apocalíptica (Mc 8,31.38; 9,1.31.48; 10,17.33.37, etc.), além de trazer um discurso apocalíptico de Jesus (Mc 13,5-27). O mesmo acontece com Lucas, Mateus e os escritos paulinos.

O apocalipse apresenta uma divisão da história em etapas para ajudar o povo de Deus a situar-se na caminhada. Lendo o texto, a comunidade se vê refletida nele como

3. Uma lista dos livros apocalípticos e das obras relacionadas com literatura apocalíptica encontra-se na obra de Alejandro DÍEZ MACHO. *Introducción General a los Apócrifos del Antiguo Testamento*, Tomo I da Col. *Apócrifos del A.T.*, Madri: Ed.Cristiandad, 1984, p. 34-42.

em um espelho, e descobre em que ponto está na sua marcha. Ao situar-se, a comunidade encontra de novo o rumo e a esperança.

Na apocalíptica, a história tem um presente, um passado e um futuro. O fundamental é o presente, que é, ao mesmo tempo, uma situação de crise e de Kairós (tempo único e ilimitado de conversão e de graça)[4]. Símbolos e mitos são utilizados e combinados para dar esta visão da história. Eles fazem parte da cosmo-visão popular, onde existem como que dois mundos: o mundo de cima e o mundo de baixo. "No mundo de cima, sentado em seu trono de Juiz Supremo, Deus dirige a história com poder absoluto. Diante do trono está o acusador do povo, o satanás (cf. Ap 12,10; Jó 1,6-12; 2,1-7), e está também o Defensor do povo, o Advogado, o Paráclito, o Salvador, o Go'el, o Filho do Homem, o Cordeiro (Dn 7,13-14; Mt 26,64; Ap 5,6)"[5]. O julgamento já se realizou no mundo de cima, onde o Defensor já conquistou a vitória. Em breve a vitória vai acontecer também no mundo de baixo (Mc 13,30; Dn 7,13-14.18.27; Ap 11,15-18).

Todos estes escritos apocalípticos contêm a ansiosa expectativa de que passe logo este tempo caótico de crimes e injustiças e se instaure um tempo novo e eterno, onde tudo será recriado e se viverá em paz e em total harmonia com a natureza.

Dentro da cosmovisão apocalíptica, isto quer dizer que desaparece o mundo de baixo e o mundo de cima desce, instaurando-se o reinado absoluto de Deus. No mundo de cima, satanás já foi vencido (Ap 12,7-9). Portanto, as forças da morte já não terão mais lugar no novo mundo, onde será resgatada a harmonia primordial e será instaurado o "novo céu e a nova terra" (Ap 21,1-7).

Tal esperança não tem nenhuma lógica. Supera todas as possibilidades humanas. Rompe com os mecanismos normais de transformação social. Sua comunicação se faz através de mensagens reveladas em visões, sonhos, viagens, êxtases, etc. Sua linguagem é dinâmica e simbólica, com muitas imagens, cores, sons, luzes, números, alegorias, etc. Uma comunicação que indica a existência de uma mentalidade comum a grupos oprimidos, com uma visão própria do mundo e da história.

3. O Livro dos Jubileus

Em 167 aC, o rei selêucida Antíoco IV manda invadir Jerusalém. A classe dirigente faz aliança com os colonizadores. Os sacerdotes e os grandes da capital se colocam do lado do império (1Mc 1,11-15; 2Mc 4,7-29). Por ordem do rei, e com a aprovação da elite de Jerusalém, as tropas do rei selêucida impedem o sacrifício perpétuo e profanam o templo (Dn 11,31; 9,27), introduzindo nele o culto ao Zeus Olímpico (2Mc 6,2). É provocação demais! Além da exploração econômica, o império

4. Pablo RICHARD. *Apocalípsis. Reconstrucción de la Esperança*, San José, Costa Rica: Ed. DEI, 1994, p. 44.

5. *O Sonho do Povo de Deus. As comunidades e os movimentos apocalípticos*. Coleção Tua Palavra é Vida, nº 7. São Paulo: Publicações CRB – Ed. Loyola, 1996, p. 40.

impõe a sua cultura e a sua religião! (1Mc 1,41-61). Estala a revolta dos Macabeus (1Mc 2,15-28). No meio do povo das aldeias da Judéia, cresce o movimento apocalíptico. Os livros de Dn 7–12, os Segredos de Henoc, o Terceiro de Esdras e o de Jubileus são dessa época[6].

O livro de Jubileus é produzido por um grupo que está em oposição ao Israel infiel e helenizado, denunciando-o por seu pecado (Jub 23,16-32)[7]. A partir da sua fé e da sua experiência, este grupo fala para todo o Israel, propondo resistência cultural frente ao império.

A obra é apresentada como uma revelação feita a Moisés, no Monte Sinai, pelo "anjo da presença". O conteúdo desta revelação é uma visão muito particular da história desde a criação (Gn 1) até à festa da Páscoa (Ex 12). Traz uma divisão da história antiga de Israel em períodos de quarenta e nove anos, que também são divididos em períodos menores de sete anos, e introduz um calendário de 364 dias.

Esta visão da história, inspirada no esquema do jubileu, quer animar o povo a assumir sua identidade mais profunda e resistir com esperança à dominação estrangeira. O livro dos Jubileus insiste na observância do sábado (Jub 2,20), marca a celebração das festas em dias especiais (Jub 6,17-22), canta e celebra a grandeza da criação realizada em sete dias (Jub 2,1-4) e resgata valores éticos fundamentais, como o valor da vida (Jub 21,18-22). É esta prática que deu resistência ao povo, desde a sua origem, levando-o a crescer, multiplicar-se e fazer-se respeitar por outros povos (Jub 43,1-3)[8].

A cosmovisão que está por trás do livro dos Jubileus manifesta-se na apresentação do mundo angélico, com sua hierarquia e seus demônios, misturados com a história humana. Este mundo angélico é profundamente dualista. De um lado estão os anjos bons e do outro os demônios ou anjos maus, liderados por Mastema, origem do mal. Este dualismo também está presente na vida humana. O antagonismo irreconciliável entre os anjos bons e os demônios se dá também entre os filhos de Israel e as outras nações do mundo[9].

4. Apocalíptica e milenarismo

Na antropologia comparada, os movimentos apocalípticos costumam receber o nome de milenarismo. O termo é aplicado de forma figurada ao sonho de uma era de

6. *O Sonho do Povo de Deus, o.c.*, p. 45.

7. Alejandro DÍEZ MACHO. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo I, *Introducción general*, Madrid: Ed. Cristiandad, 1994, p. 60.

8. Os textos foram encontrados na seleção feita por Florentino GARCÍA MARTÍNEZ. *Textos de Qumran*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1995, p. 279-287.

9. G. ARANDA PÉREZ – F. GARCÍA MARTÍNEZ – M. PÉREZ FERNÁNDEZ. *Literatura Judía Intertestamentaria*, Estella (Navarra), Espanha: Ed. Verbo Divino, 1996, p. 134.

perfeição no futuro, ou de uma terra perfeita que um dia se tornará acessível[10]. Sylvia Thrupp inclui na corrente milenarista qualquer movimento religioso inspirado pela fantasia de que haverá uma salvação de caráter coletivo, iminente, total e de origem sobrenatural[11].

O milenarismo é um tema que tem muita força e já provocou muita controvérsia. Esta esperança escatológica vai tomando diferentes formas ao longo da história, segundo os contextos culturais, sociológicos e históricos. Em cada época e lugar surgem movimentos que dão carne a esta insistente expectativa pela vinda do Senhor. Por trás dos textos bíblicos e na base dos movimentos milenaristas percebe-se a mesma ansiedade de que passe logo o tempo velho e caduco e se instaure o mundo novo. Quando estes movimentos não são manipulados em favor da ideologia dominante, a gente percebe que sua visão do futuro é positiva. Compreendem a história como um processo aberto, orientado em direção a um objetivo final[12]. Por isso, animam a esperança do povo.

Para o Apocalipse de João, *mil anos* é o período que vai da morte e ressurreição de Jesus até a libertação plena (Ap 20,1-15). Durante este período, Satanás é reduzido à impotência (v. 2-3) e os mártires reinam junto com o Messias Ressuscitado (v. 4-6). No final do período de mil anos, Satanás é solto e há um enfrentamento entre o poder da morte e o povo de Deus (v. 7-9). Satanás e as forças do mal são vencidos pela força de Deus (v. 10) e o reino de Deus é instaurado para sempre (v. 11-15).

A história da interpretação deste texto é complexa e variada. Tem várias tendências e correntes: pré-milenarista, pós-milenarista, amilenarista, fundamentalista, espiritualista, etc.

Este texto de Ap 20,1-15 está inspirado em Dn 7,1-14, onde aparece o enfrentamento dos impérios, representados por quatro enormes feras, e o *filho do homem*. Os impérios têm a figura de animais, quer dizer que são animalescos, desumanizam a vida, enfraquecem ou corrompem as pessoas. O reino de Deus tem a figura de um "filho do homem", isto quer dizer que humaniza a vida, restaura a dignidade e a humanidade das pessoas.

O tempo da opressão dos impérios ferozes é de três anos e meio (Dn 7,25). Três e meio é a metade de sete = tempo imperfeito. Depois deste período, haverá um julgamento e "o reino, o império e a grandeza de todos os reinos que existem debaixo do céu serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo" (Dn 7,27).

"O reino dos mil anos é a utopia de todos os que lutam contra a idolatria e a opressão dos impérios; é a utopia de instaurar o Reino de Deus sobre a terra. É a

10. John Dominic CROSSAN. *O Jesus Histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Ed. Imago 1994, p. 140.

11. Sylvia L. THRUPP (ed.). *Millennial Dreams in Action: Studies in Revolutionary Religious Movements*, New York: Schocken, 1970, p. 31.

12. Heinrich SCHÄFER. *Protestantismo y crisis social en América Central*. San José, Costa Rica: Ed. DEI, 1992, p. 34.

esperança de uma comunidade que crê num Deus que faz justiça agora, na história. A utopia do *reino de mil anos* não tem nada que ver com as visões destrutivas e horrorosas do fim do mundo"[13]. Não é uma visão sobre o fim do mundo, mas sim o fim de um mundo, o mundo da injustiça. O reino de mil anos é uma figura do Reino de Deus que se opõe ao poder do império da morte, aparentemente impune e invencível.

5. Ambivalências desta perspectiva apocalíptica

Apesar de fortalecer as comunidades, resgatando a vida e a identidade dos grupos excluídos e confirmando sua esperança, a visão apocalíptica pode levar a posturas equivocadas.

5.1. A demonização do outro. A excessiva afirmação e valorização do que somos e a visão dualista do mundo podem levar-nos a demonizar as diferenças. Preconceitos de gênero, classe e raça podem ser confirmados, invertidos e aprofundados. Em vez de resistência esperançosa, teremos sectarismos separatistas que não transformam. Formam-se grupos resistentes que não passam de guetos, sem nenhuma influência na sociedade.

5.2. O fundamentalismo. "O fundamentalismo é uma grande tentação que, em épocas de incerteza e de insegurança, se instala na mente de muita gente. Ele separa o texto da vida e da história do povo e o absolutiza"[14], gerando a prisão na letra. Gera a evasão, a fuga da realidade, a alienação. Somos fundamentalistas quando tomamos ao pé da letra os textos apocalípticos, sem ligá-los ao seu contexto original e sem buscar na realidade de hoje os símbolos da resistência do povo.

5.3. O revanchismo. A tendência revanchista da resistência apocalíptica transparece na eliminação dos opressores. Eles não cabem dentro do novo projeto. Seriam os excluídos da nova sociedade sonhada. Esta postura revela que o sentimento de vingança permanece e mostra que não houve de fato a libertação dos oprimidos. Talvez seja por isso que Jesus omite o "Dia de Javé" quando lê Is 61,1-2, na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19).

5.4. O medo do fim do mundo. Percebe-se, hoje, nos meios mais pobres, que estes textos apocalípticos estão gerando medo e ansiedade. Ha um certo tipo de leitura que, em vez de animar a esperança, causa angústia e depressão. Esta não foi a finalidade do texto bíblico. Ele foi escrito justamente para ajudar a acreditar que Deus continua sendo o Senhor da História. Tal descoberta nos leva a perder o medo do futuro, pois nossos olhos se abrem para os sinais da intervenção libertadora de Deus, hoje, no chão da nossa vida.

5.5. O fatalismo. Os textos apocalípticos podem levar ao fatalismo, dando a impressão de que tudo já está determinado por Deus. É Ele quem conduz a história e

13. Pablo RICHARD. *Apocalípsis. Reconstrucción de la esperanza*, San José, Costa Rica: Ed DEI, 1994, p. 189.

14. *O sonho do Povo de Deus*, *o.c.* p. 46.

ninguém poderá impedi-lo de realizar seu projeto. Uma visão assim leva a cruzar os braços e esperar pela intervenção maravilhosa de Deus na história.

Esta impotência diante dos acontecimentos da história é um dos aspectos da cultura que o neoliberalismo quer impor ao mundo. Os MCS passam continuamente, de maneira subliminar, a mensagem da desesperança e do fatalismo. As imagens sensacionalistas do poderio sem limites da tecnologia do Primeiro Mundo, ao lado de problemas da vida diária, que aparecem sem solução, geram um conflito permanente entre o fatalismo e a esperança. Para as grandes maiorias parece que não existe uma alternativa de vida frente ao sistema neoliberal.

6. A mundialização da esperança

Quando o império do dinheiro se especializa, rompendo todas as barreiras que impediam transformar o mundo em um Mercado Global, o destino da humanidade fica comprometido. Parece que voltamos ao caos inicial. Neste momento, toda perspectiva de re-criação da vida tem que ser mundializante, globalizante. Os grupos e movimentos libertadores que surgem têm a preocupação de manter uma dimensão mais ampla a ser articulada. Incluem na sua agenda uma proposta que vai além da sua própria fronteira. Partem de objetivos muito concretos, relacionados aos problemas cotidianos, ao mesmo tempo que mantêm os olhos atentos a um horizonte aberto. "Não se pode pensar em uma libertação dos povos indígenas que não implique na libertação de todos os povos oprimidos", diz Giulio Girardi ao comentar o importante papel que desempenha atualmente o Movimento Zapatista de Chiapas[15].

Dentro desta perspectiva está o movimento das mulheres, onde se realizam projetos concretos de subsistência, re-criação e defesa da vida. Nas suas reflexões, elas analisam a questão das relações de gênero, descodificando e desconstruindo padrões de comportamento e relacionamento entre homens e mulheres. Padrões cheios de preconceitos, responsáveis pela manutenção da desigualdade entre as pessoas e justificadores da pirâmide social. Em conseqüência, busca-se transformar as relações de gênero para que sejam verdadeiramente libertadoras para homens e mulheres, promovendo o intercâmbio, a ajuda mútua e a reciprocidade.

O despertar dos negros na América Latina e Caribe tem também esta dimensão articuladora de um novo momento histórico. No esforço comum para colocar em evidência o racismo de nossas sociedades, pretensamente abertas, os/as remanescentes afros buscam identificar e analisar os mecanismos que provocam o empobrecimento do povo[16].

15. Giulio GIRARDI. *Para una Internacional de la Esperanza.* Palestra realizada no dia 30/07/1996 no Encontro Intercontinental pela humanidade e contra o neoliberalismo, no México. Estudo inspirado no Movimento Zapatista.

16. Maria Cristina VENTURA e Denise PICHARDO. Experiência de leitura bíblica na perspectiva da mulher negra, in: RIBLA, nº 25, 1996/3, 74-83.

Ao dar ouvidos ao grito dos excluídos, que firmados na esperança clamam pela intervenção imediata de Deus na história, nossos olhos se abrem para uma realidade pouco perceptível. Descobrimos sinais da força libertadora de Deus atuando no mundo de hoje. Ela se expressa na capacidade de construir estruturas solidárias de ação que possam intervir em favor da vida, dentro do processo de mundialização. No movimento articulado de indígenas, negros e mulheres, no MST, na ação solidária organizada por nosso querido e saudoso Betinho, no resgate da memória de Canudos e em muitas iniciativas em favor da vida encontramos sinais desta ação libertadora de Deus. É isto que nos leva a olhar para o futuro com esperança, e perguntar: O novo milênio será uma prolongação dos dois primeiros ou o começo de uma nova história, fundada sobre o protagonismo do povo e dos povos? [17]

Mercedes Lopes
Rua Barra do Piraí, 3 – Japuíba
23900-000 Angra dos Reis, RJ

17. Giulio GIRARDI. *Los Cristianos y la Insurgencia Indígena en la Perspectiva del Tercer Milenio*, palestra apresentada por escrito em 02/08/96, no México.